

A BATALHA DO CÁUCASO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A VITÓRIA SOVIÉTICA EM STALINGRADO

Pablo Guimarães Bandeira da Silveira ¹

Alexander Zhebit ²

Resumo

A Batalha de Stalingrado, considerada uma virada na Segunda Guerra Mundial, foi determinante para a vitória soviética sobre a Alemanha nazista. Contudo, o objetivo da operação Fall Blau, que engatilhou a Batalha de Stalingrado, era a captura do Sul da União Soviética e do Cáucaso, regiões agrícolas e petrolíferas soviéticas. Neste artigo propõe-se analisar o transcorrer da Batalha do Cáucaso, o papel do Cáucaso nos planos militares alemães e a sua relação com a vitória soviética em Stalingrado e a subsequente vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; União Soviética; Alemanha nazista; Batalha do Cáucaso; Batalha de Stalingrado

Abstract

The Battle of Stalingrad, seen as the turning point of World War Two, was pivotal to the Soviet victory over Nazi Germany. However, the purpose of the operation Fall Blau, that triggered the Battle of Stalingrad, was a capture of the South of the Soviet Union and of the Caucasus, agricultural and oil-rich territories of the Soviet Union. This article has a purpose to analyze the course of the Battle for the Caucasus, the role of the Caucasus in the German war plans and its relation with the Soviet victory at Stalingrad and the subsequent Allied victory in World War Two.

Key-words: World War Two; Soviet Union; Nazi Germany; Battle for the Caucasus; Battle of

1. Graduando de Relações Internacionais pela UFRJ, aluno de iniciação científica, membro do GPPI e do LEPCáucaso, e-mail: pablos1997@gmail.com

2. Orientador, Professor associado, Doutor em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: alex@cfch.ufrj.br




Stalingrad.

1. Introdução

A Operação Fall Blau consistiu em uma série de manobras militares alemãs que culminaram com as Batalhas de Stalingrado e do Cáucaso, sendo originalmente Stalingrado um objetivo secundário da operação e o Cáucaso - o primário (BEEVOR, 1999, p. 69-70). Travada entre 17 de julho de 1942 e 2 de fevereiro de 1943, a batalha de Stalingrado é a mais conhecida batalha do front oriental, simbolizando uma virada na Segunda Guerra Mundial. Ela foi dividida em dois períodos. O primeiro era um período inicial defensivo, quando as forças soviéticas lutaram para defender a cidade, aonde recuaram desde a cidade de Rostov, oferecendo uma resistência feroz nas margens do Volga. O segundo era um período ofensivo durante o qual os soviéticos libertaram a cidade e cercaram 300.000 soldados do Eixo. A batalha resultou no colapso do Grupo de Exércitos do Sul, constituído pelas forças armadas alemãs e seus aliados, cujo objetivo era a conquista do sul da Rússia e do Cáucaso. Simultaneamente com a Batalha de Stalingrado, ocorria a Batalha do Cáucaso, travada de 25 de julho de 1942 até 9 de outubro de 1943 (GRECHKO, 2001, p. 353). Menos conhecida do que Stalingrado, a Batalha do Cáucaso costuma ser tratada como um conflito isolado e secundário, apesar de a região ter sido o objetivo principal da operação alemã Fall Blau. Apesar do relativo isolamento da região do Cáucaso, os desfechos da Batalha do Cáucaso e da Batalha de Stalingrado estão conectados, especialmente levando em consideração a divisão do Grupo de Exércitos do Sul nos Grupos de Exércitos A e B, cujas missões consistiam respectivamente na captura do Cáucaso e de Stalingrado.

Através da análise de trabalhos de acadêmicos ocidentais e das obras dos generais soviéti-




cos Vassily Chuikov e Andrei Grechko, este artigo busca determinar a importância da Batalha do Cáucaso para a vitória soviética em Stalingrado, a incapacidade alemã de concretizar os objetivos da operação Fall Blau, devido à estratégia soviética e à correlação entre as duas batalhas. Para este fim, foi decidido analisar os objetivos estratégicos alemães, fossem eles econômicos, militares ou geopolíticos, a importância da região para a economia e a defesa da União Soviética, assim como o desenrolar da Batalha do Cáucaso em si, relacionando-a com a Batalha de Stalingrado.

2. Operação Fall Blau

Existiam planos alemães de se realizar uma ofensiva ao Cáucaso ainda desde julho de 1941, dependendo de uma vitória da Alemanha na operação Barbarossa. O plano original visava tornar possível uma ofensiva na fronteira Irã-Iraque em 1942, com a captura do norte do Cáucaso já se concretizando em 1941 (Ibid., p. 25). Hitler chegou a mencionar ao general Manstein a vontade de usar o Cáucaso como ponto de partida para lançar uma campanha militar até a Índia (BEEVOR, 1999, p. 70). Com as capacidades defensivas soviéticas se mostrando superiores ao que os alemães esperavam, o plano foi simplificado e reduzido em escala, devido ao fracasso da Operação Barbarossa em 1941.


A operação Fall Blau começou a ser planejada em 5 de abril de 1942, com a “Diretiva do Führer Número 41”, tendo como objetivo principal a captura do Cáucaso (GLANTZ, 2001, p. 34-35), que segundo os cálculos alemães, levaria a Turquia, então neutra, a aderir às potências do Eixo (GRECHKO, 2001, p. 27). A Alemanha e a Turquia possuíam relações próximas, fato conhecido pela União Soviética, que desde 1941 sabia do apoio turco a operações de inteligência antissoviéticas (BURDS 2007, p 285). Segundo Andrei Grechko, o primeiro ministro turco teria



declarado à Alemanha que desejava ver a Rússia destruída (GRECHKO, 2001, p. 83). Além do apoio turco, a Alemanha esperava que houvesse uma grande debandada islâmica favorável às potências do eixo (WERTH, 2017, posição 578). Operações de desestabilização na região não se limitavam apenas aos muçulmanos, se estendendo também aos cristãos armênios, ossêtijs, georgianos e outros. Por exemplo, em 1941 foram reveladas pelo The New York Times as tentativas alemãs de incitar um movimento separatista armênio no Irã (BROCK, 1941).

A primeira fase da operação Blau visava capturar a região da Crimeia e de Voronezh. A segunda etapa consistia em anular e destruir as tropas soviéticas na região a oeste do rio Don. A isto se seguiria uma ofensiva contra Stalingrado, com a captura e a destruição da cidade e, por fim, realizar-se-ia a captura do Cáucaso e dos campos de petróleo caucasianos (BEEVOR, 1999, p. 70). A “indiferença” inicial alemã em relação ao destino de Stalingrado em si se dava devido à cidade ter inicialmente uma importância secundária nos planos do Eixo, uma vez que o objetivo era negar aos soviéticos a capacidade industrial da região e minimizar a possibilidade de flancoamento, e não beneficiar-se das vantagens conferidas pela posse da cidade em si. Essa visão se aproximava à adotada pelos alemães em relação a Leningrado, onde a cidade em si era considerada por eles descartável e destinada à destruição, assim como sua população, caso capturada pelo Eixo.

Inicialmente, em 1942, as forças soviéticas registraram uma alta concentração de tropas alemãs no front de Moscou, como se preparassem para atacar a capital. Ao mesmo tempo, o avanço alemão em Kerch, na Crimeia, foi o segundo ponto de o Wehrmacht lançar sua ofensiva contra o Sul, em direção ao Cáucaso. Ao longo do mês de abril de 1942 foi travada a segunda batalha de Kharkov, na tentativa soviética de retomar a cidade, que o alto comando julgava estar




desguarnecida, por crer que a ofensiva principal alemã se daria em direção a Moscou. Diante das forças alemãs numerosas e bem equipadas, os soviéticos sofreram grandes perdas no Sul, o que enfraqueceu enormemente suas capacidades defensivas na região (GLANTZ, HOUSER, 1995, p 46-48). Apesar de o aparato de inteligência soviético ter chegado à conclusão de que os alemães almejavam atacar o Sul ao invés do centro da URSS, o alto comando soviético não tomou precauções adequadas, nem mandou tropas suficientes para a região sul (GRECHKO, 2001, p. 39-40).

Segundo o plano original alemão, haveria uma divisão do Grupo de Exércitos Sul em o Grupo de Exércitos A e o Grupo de Exércitos B. Ambos deveriam agir coordenadamente, atacando objetivos divergentes, mas “entrelaçados” com o fim de envelopar e neutralizar Stalingrado, onde convergiriam temporariamente antes de o Grupo A avançar no Cáucaso adentro (GLANTZ, HOUSER, 1995, p 110). Entretanto, após os alemães terem capturado Rostov mais rápido que o esperado, os planos foram novamente alterados por Hitler, criando dois eixos de combate completamente divergentes. Segundo David Glantz:

Depois que Rostov tombou em 23 de julho, Hitler se focou abruptamente no valor industrial e simbólico de Stalingrado. A Diretiva 45 do Fuhrer, emitida no mesmo dia, transferia o XXIV corpo panzer do 4º Exército Panzer para o 6º exército com o fim de reforçar o seu avanço contra Stalingrado. Esse avanço também tomou primeira prioridade para suporte aéreo e para cada vez mais escassas reservas de combustível. Em retrospecto, comandantes alemães marcaram isto como o início do desastre de Stalingrado. A ofensiva deles doravante operava em dois eixos divergentes, movendo-se leste em direção à Stalingrado e sul em direção ao Cáucaso.” (GLANTZ, HOUSER, 1995, p. 120, tradução nossa)

O Grupo de Exércitos A recebeu a tarefa de avançar diretamente para o Cáucaso, com Stalingrado em pé de guerra, enquanto o Grupo de Exércitos B foi atacar Stalingrado separadamente. Apesar da rápida queda de Rostov, o plano de cercar e exterminar as forças soviéticas em




Rostov e no Don falhou, com os soviéticos recuando por ordem do alto comando. Os alemães falharam em capturar grandes números de tropas soviéticas, porque a maior parte das forças do Exército Vermelho na região conseguiram se retirar (Ibid., p 120). Stalingrado e a região do Cáucaso foram reforçados por essas tropas em retirada, que formaram o Front do Cáucaso do Norte (GALBRAITH, 2014, p 38). Ao norte de Stalingrado os alemães falharam na primeira etapa do plano Fall Blau, não conseguindo capturar Voronezh e isolar Stalingrado das regiões ao norte do país. Posteriormente Voronezh tornou-se crucial para a operação soviética Pequeno Saturno, na qual as forças nazifascistas foram expulsas do sul da Rússia e do Cáucaso.

3. A importância econômica da região do Cáucaso para a Alemanha e para a União Soviética


No início da guerra o Cáucaso possuía um papel central para a economia soviética, sendo a principal região petrolífera do país, com os campos produtivos do Azerbaijão, responsáveis por cerca de 70% da produção soviética de petróleo (Ibid., p 53). O Azerbaijão também produzia 65% do gás soviético (GRECHKO, 2001, p 12). A importância do Cáucaso para a economia soviética se dava principalmente pela produção de petróleo, mas não se limitava a ela. As minas de manganês de Chiatura, na Geórgia, eram responsáveis por 56.5% da produção nacional de 1940, enquanto as terras férteis entre Rostov e as cordilheiras do Cáucaso eram grandes celeiros de produtos agrícolas com o maior potencial produtivo, ainda sob o controle soviético imediatamente antes da Fall Blau. (Ibid., p 11-12)

A região do Cáucaso é confinada pelo Mar Negro ao oeste e pelo Mar Cáspio ao leste, sendo então um ponto de conexão entre União Soviética, o Irã e a Turquia, servindo como uma



“porta de entrada” para o Oriente Médio. A partir do Irã, através do Azerbaijão, cerca de 25% do Lend-Lease, destinado à URSS, era entregue aos soviéticos (HARRISON, 1993, p 7). Devido ao isolamento geográfico pelas cordilheiras que cortam o Cáucaso, era difícil suprir a região com tropas e recursos de outras partes da União Soviética (GALBRAITH, 2014, p 51), o que aumentava a importância do Lend-Lease para a área. Devido ao Lend-Lease, tanques americanos, considerados pelos tanquistas soviéticos como inadequados, foram os blindados mais utilizados na região do Cáucaso. Além de abastecer o Cáucaso, a rota do Lend-Lease, através do “corredor persa”, abastecia os demais fronts com aviões e tanques (FORCZYK, 2015, p 7), dois itens dos quais o Exército Vermelho possuía em quantidade insuficiente. Durante a campanha de Kuban, que era uma parte da Operação Pequeno Saturno, dois terços dos 275 tanques soviéticos no Cáucaso eram provenientes do Lend-Lease (Ibid., p 18). É presumível que o uso extensivo de tanques americanos no Cáucaso resultou indiretamente em uma maior disponibilidade de tanques pesados soviéticos nos outros fronts, também conferindo uma maior iniciativa para as forças soviéticas, uma vez que a transferência de equipamento soviético para o Cáucaso era especialmente demorada e teria tornado mais pulverizada e escassa a presença dos decisivos tanques T-34 soviéticos em batalhas em que eram insubstituíveis.

A Alemanha nazista não possuía fontes de petróleo em seu território, dependendo de combustível sintético (STRANGES, 2001, p 1-2), mas, sobretudo, do petróleo romeno e de seus derivados, cujo transporte para o front oriental era demorado. Segundo Grechko, os planos alemães de conquistar a região precedem o início da Segunda Guerra Mundial (GRECHKO, 2001, p 24-25), tendo como um dos fins transformar o Cáucaso e o Oriente Médio em fontes de matéria-prima para o exército alemão (Ibidem), que necessitava de enormes quantidades de combustível. O próprio Hitler teria avisado os seus generais que, caso falhasse a captura das cidades petrolíferas




de Grozny e Maikop, a Alemanha teria de parar a guerra (BEEVOR, 1999, p 69-70). Ao mesmo tempo, o alto comando alemão acreditava que com a captura do Cáucaso, a União Soviética seria privada de recursos inestimáveis para poder continuar a guerra. Entretanto, as regiões petrolíferas conquistadas pela Alemanha tiveram sua capacidade produtiva muito reduzida pela sabotagem soviética, e devido à guerra e a eventos climáticos, as regiões férteis do Don capturadas pelos alemães estavam com uma produtividade agrícola muito abaixo do normal (GALBRAITH 2014, p 53). Além disso, potenciais ganhos econômicos alemães foram grandemente reduzidos pela estratégia soviética de terra arrasada (GRECHKO, 2001, p 55-56).

Mas mesmo que tivessem capturado Baku, responsável pela maior parte da produção petrolífera no Cáucaso, os alemães não teriam dado o golpe letal na indústria petrolífera soviética, pois no meio da guerra a exploração de petróleo nos montes Urais foi expandida até ultrapassar a produção de Baku (GALBRAITH, 2014, p 53). O governo soviético agiu ao longo da guerra visando transferir indústrias e construir fábricas em áreas distantes do conflito principal, interiorizando as zonas econômicas produtivas e assim minimizando os potenciais danos causados por possíveis perdas territoriais.

4. As Três Etapas Da Batalha


4.1 Primeira etapa:

A operação de conquista do Cáucaso, visando alcançar os campos de petróleo de Baku e conectar as forças germânicas com o exército turco foi denominada de Operação Edelweiss. As forças soviéticas estavam divididas em três forças principais: o Front Transcaucasiano, o Front

A red-tinted map of the Caucasus region, showing major cities like Vladikavkaz, Bortlik, and Temir-Khan-Shura, and geographical features like the Black Sea and various rivers. The map is partially visible at the top of the page.

do Cáucaso do Norte e o Grupo do Mar Negro, formado majoritariamente por forças navais. Segundo Vassily Chuikov, as forças alemãs, que atacavam o Cáucaso do Norte, possuíam 1,5 vezes o número de soldados dos soviéticos, duas vezes o número de peças de artilharia, nove vezes o número de tanques e oito vezes o de aviões (CHUIKOV, RIABOV, 2018, p 53). Forczyk apresenta tanto as forças alemãs quanto as soviéticas como subequipadas para suas respectivas missões, com a vantagem numérica e qualitativa em equipamentos, pendendo fortemente para os alemães. Por exemplo, enquanto os alemães teriam 500 tanques no início da campanha, a maioria tanques médios, os soviéticos possuíam meros 70-80 tanques, parte deles tanques leves e obsoletos. Esse número subiria para 330 em agosto de 1942, quando os soviéticos passaram a contar com tanques mais modernos (FORCZYK 2015, p 15-19).

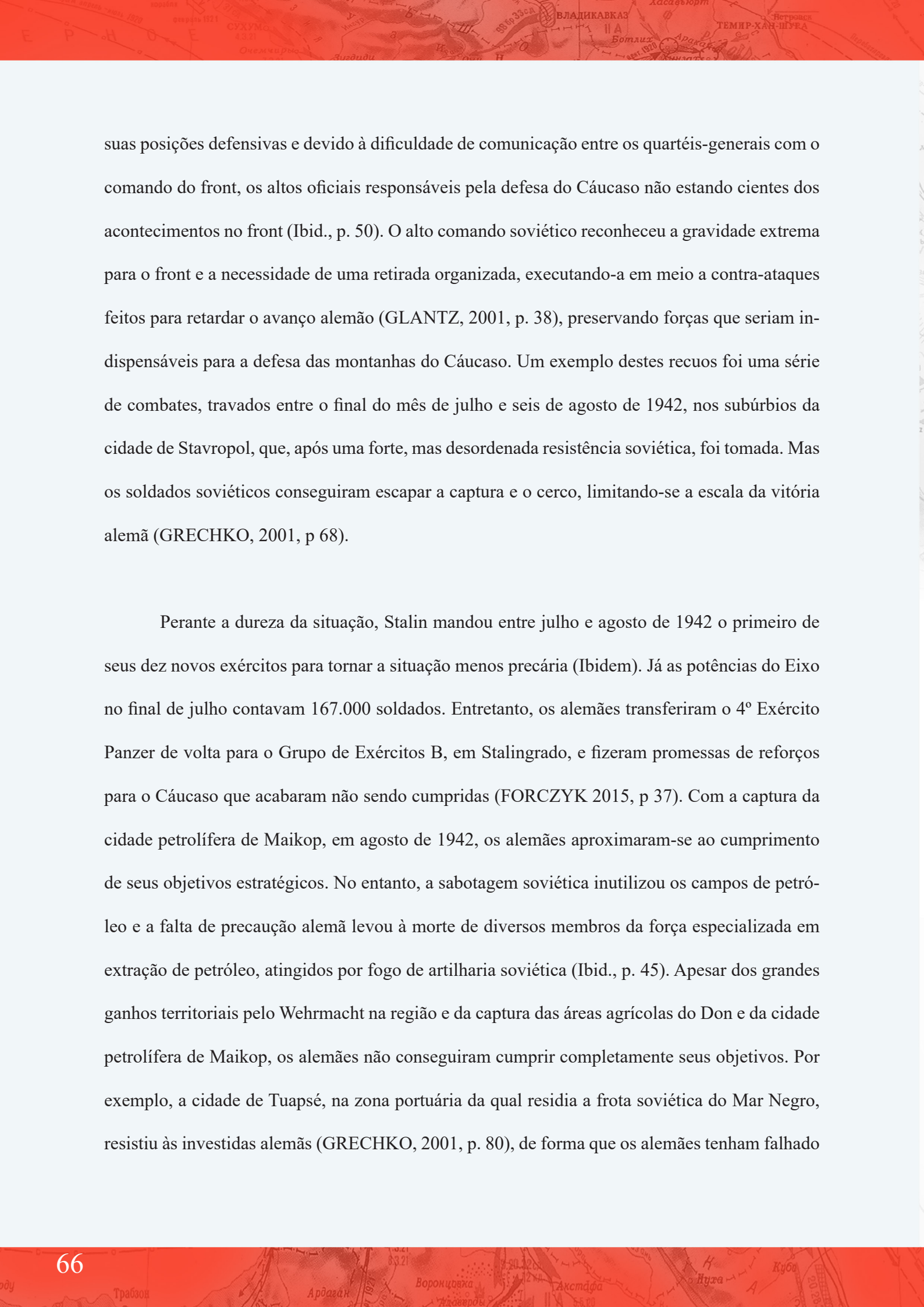
A força principal da ofensiva das Potências do Eixo vinha de suas formações de tanques e de infantaria mecanizada. As forças do Eixo contavam com divisões de montanhistas na reserva, preparadas para agirem a partir do momento onde as cordilheiras do Cáucaso se tornassem palco de ação. Já as forças soviéticas consistiam inicialmente em divisões “quebradas”, evacuadas da Criméia, com seus números extremamente reduzidos, ou de tropas arregimentadas recentemente, sem treinamento adequado (Ibidem) e sem o suporte necessário para combater os blindados alemães. Enquanto as forças alemãs recebiam também o suporte de dois regimentos de montanhistas romenos, os comandantes e as tropas soviéticas não possuíam experiência em terrenos montanhosos (GRECHKO 2001, p 135-137). As forças alemãs também vieram acompanhadas por uma brigada especial de 5.500 especialistas, cujo objetivo era a restauração da produção de petróleo das áreas capturadas. Por fim, as forças do Eixo possuíam inicialmente uma supremacia aérea, com o suporte da Luftwaffe sendo essencial para a alta velocidade do avanço inicial ao Cáucaso. (FORCZYK, 2015, p. 17-24)



A primeira etapa do avanço alemão, ao longo das estepes do Don, ocorreu rapidamente. As forças soviéticas estavam em um estado de desorganização profundo demais para reagir adequadamente, com a própria cadeia de comando e delegação de ordens estando confusa. Segundo Forczyk,

No mesmo dia a divisão de infantaria Großdeutschland adentrou o Don e tomou uma pequena cabeça de ponta próxima de Melikhovskaya, onde uma ponte flutuante foi estabelecida; o 37º exército não ofereceu oposição à travessia. Apenas em 25 de julho os soviéticos iniciaram esforços para contra-atacar as duas cabeças-de-ponte alemãs ao longo do Don, em um momento onde já era tarde demais. A artilharia de Malinovsky abandonou muitas armas e a maior parte de sua munição ao norte do Don e agora se via com pouca capacidade de bombardear os pontos de travessia alemães. ... O 18º Exército do tenente-general Fedor V. Kamkov, encarregado de defender o setor de Bataysk, ficou desorganizado depois do recuo e não possuía comando e controle efetivos da 339ª divisão de rifle, que era a unidade de linha de frente nesse setor crucial. A divisão soviética havia destacado morteiros e metralhadoras para cobrir a ponte, mas estranhamente, nenhum esforço foi feito para minar ou destruir a ponte. No exército vermelho engenheiros não destroem propriedade estatal sem ordens e aparentemente ninguém pensou em dá-los essas ordens (FORCZYK, 2015, p. 30-31).

Durante o recuo desordenado das tropas do Front do Cáucaso Norte, foram perdidas inúmeras peças de artilharia e de equipamento pesado das já desfalcadas forças soviéticas (GRECHKO, 2001, p 47). Andrei Grechko descreve como, para defender uma linha de 320 quilômetros, só havia cinco exércitos com o número de soldados seriamente diminuído, totalizando 112.000 soldados (Ibidem). Enquanto as forças alemãs avançavam com suporte amplo de unidades mecanizadas, artilharia e forças aéreas, as forças soviéticas eram, quase em sua totalidade, compostas por infantaria leve (Ibid., p 49), contra a qual a Blitzkrieg alemã era eficiente demais. Apesar de alguns exércitos individuais terem mostrado grande resistência contra as forças alemãs, o avanço alemão no centro do Cáucaso se deu de forma bem veloz. Segundo Grechko, a falha defensiva soviética se deu em boa parte devido às tropas soviéticas não terem terminado de estabelecer

The image features a red-tinted map of the Caucasus region, showing various cities and geographical features. The map is partially visible at the top and bottom of the page. The text is centered on a white background.

suas posições defensivas e devido à dificuldade de comunicação entre os quartéis-generais com o comando do front, os altos oficiais responsáveis pela defesa do Cáucaso não estando cientes dos acontecimentos no front (Ibid., p. 50). O alto comando soviético reconheceu a gravidade extrema para o front e a necessidade de uma retirada organizada, executando-a em meio a contra-ataques feitos para retardar o avanço alemão (GLANTZ, 2001, p. 38), preservando forças que seriam indispensáveis para a defesa das montanhas do Cáucaso. Um exemplo destes recuos foi uma série de combates, travados entre o final do mês de julho e seis de agosto de 1942, nos subúrbios da cidade de Stavropol, que, após uma forte, mas desordenada resistência soviética, foi tomada. Mas os soldados soviéticos conseguiram escapar a captura e o cerco, limitando-se a escala da vitória alemã (GRECHKO, 2001, p 68).


Perante a dureza da situação, Stalin mandou entre julho e agosto de 1942 o primeiro de seus dez novos exércitos para tornar a situação menos precária (Ibidem). Já as potências do Eixo no final de julho contavam 167.000 soldados. Entretanto, os alemães transferiram o 4º Exército Panzer de volta para o Grupo de Exércitos B, em Stalingrado, e fizeram promessas de reforços para o Cáucaso que acabaram não sendo cumpridas (FORCZYK 2015, p 37). Com a captura da cidade petrolífera de Maikop, em agosto de 1942, os alemães aproximaram-se ao cumprimento de seus objetivos estratégicos. No entanto, a sabotagem soviética inutilizou os campos de petróleo e a falta de precaução alemã levou à morte de diversos membros da força especializada em extração de petróleo, atingidos por fogo de artilharia soviética (Ibid., p. 45). Apesar dos grandes ganhos territoriais pelo Wehrmacht na região e da captura das áreas agrícolas do Don e da cidade petrolífera de Maikop, os alemães não conseguiram cumprir completamente seus objetivos. Por exemplo, a cidade de Tuapsé, na zona portuária da qual residia a frota soviética do Mar Negro, resistiu às investidas alemãs (GRECHKO, 2001, p. 80), de forma que os alemães tenham falhado

em obter supremacia naval e livre-navegação no Mar Negro.

4.2 Segunda etapa


A segunda etapa foi iniciada pela defesa soviética das cordilheiras do Cáucaso, onde a batalha se estabilizou e as forças soviéticas puderam se organizar melhor. Os primeiros combates montanheses em direção ao monte Elbrus, mais alta montanha do Cáucaso e da Europa, começaram no meio de agosto de 1942 (TATAROV, 2013, p. 306). As altas altitudes, em que ocorriam os combates montanheses, tornavam as forças aéreas quase inúteis nas batalhas nas cordilheiras do Cáucaso (Ibid., p. 307), o que favorecia as forças soviéticas, uma vez que o papel da Luftwaffe foi essencial para as vitórias alemãs até então. As forças soviéticas, ao se prepararem para o combate, com 55.000 tropas do Front Transcaucasiano, passaram por treinamento especializado em grupos antitanque, antiaéreo e de franco-atiradores. (GRECHKO, 2001, p. 89)

No começo dos embates as defesas fortificadas nas montanhas soviéticas no Cáucaso estavam mal preparadas, devido à inadequação dos equipamentos das tropas e à falta de materiais. Inicialmente, devido à inexperiência das tropas soviéticas em combate montanhês, a maior parte das defesas estava situada apenas nas passagens das montanhas, ao invés de se situar nas montanhas, nas reentrâncias e nos desfiladeiros. Segundo Grechko, as operações de reconhecimento e de mapeamento de novas passagens e o estabelecimento de perímetros de defesa não foram efetivadas (Ibid., p. 136-137). Após os choques iniciais com os alemães nas montanhas, os soviéticos começaram a erguer defesas mais adequadas. Os exemplos destas melhorias incluem as atividades do Grupo Sancharo, que entre 29 de agosto até 20 de outubro lutou ao longo do desfiladeiro de Sancharo, que em 20 de outubro foi retomado por completo (Ibid., p. 143-144).



Durante o mês de setembro os alemães continuaram a relatar avanços, mesmo que mais custosos, como a travessia do Rio Têrek em dois de setembro (Ibid., p. 105). Neste ponto da Batalha as formações germânicas de blindados sofriam pela grande redução de suporte aéreo e com ataques às linhas de comunicação. Ambos os fatores foram intensificados pela dispersão das forças alemãs em territórios cada vez mais vastos (FORCZYK, 2015, p. 71-73). Ao longo dos meses de agosto e de setembro as forças soviéticas conseguiram conter avanços alemães contra Mozdok, que tinham por objetivo atingir os poços petrolíferos de Grozny. Apesar de os alemães terem conseguido formar com dificuldades uma cabeça-de-ponte em Mozdok, eles viram-se incapazes de avançar mais e começaram a se enfraquecer, enquanto as forças soviéticas acumulavam tropas e armamentos na região para contra-atacar (Ibid., p. 76-85). As perdas materiais alemãs cresciam. Segundo Grechko, o 9º Exército soviético foi responsável pela destruição de 180 tanques panzers em Mozdok, no período acima citado. Outras grandes investidas em direção a Grozny, lideradas pelo general von Kleist, comandante do Grupo de Exércitos A, também foram contidas pelos soviéticos (GRECHKO, 2001, p. 110-115).

A última grande tentativa alemã de romper as linhas soviéticas de defesa no Cáucaso, em novembro de 1942, passou-se pelo rio Têrek, com um grande ataque surpresa contra as forças enfraquecidas de General Koslov, feito enquanto a maior parte de tropas soviéticas se encontrava impedida de manobrar pela cabeça-de-ponte alemã em Mozdok. Este ataque levou ao colapso das forças de Koslov e à ocupação alemã da cidade de Naltchik. No entanto, uma tentativa subsequente de avançar no sentido de Ordzhonikidze, a partir de Naltchik, terminou com o desastre para os alemães, que não só falharam em cumprir os objetivos estabelecidos para a ofensiva, mas também deixaram uma parte das tropas alemãs cercada. Este cerco foi rompido às custas em 12 de novembro, com a entrada em ação de 80 tanques panzers e de mais de 1000 caminhões




(FORCZYK, 2015, p. 85-88). A partir deste ponto, a União Soviética começou a ensaiar a retomada dos territórios ciscaucasianos, ocupados pelas Potências do Eixo.

4.3 Terceira etapa e a Operação Pequeno Saturno

Enquanto a Batalha do Cáucaso se desdobrava, prosseguia a Batalha de Stalingrado, que estava prestes a entrar em uma nova etapa. Sob o comando de Zhukov e Vasilievsky, foram organizadas duas operações interconectadas – o “Marte” (nas proximidades de Moscou) e o “Urano” (na região de Stalingrado). A operação Marte tinha como alvo a saliência de Rzhev, controlada pelo Grupo de Exércitos do Centro. A maior parte da historiografia trata a Operação Marte, predominantemente, como uma operação cujo objetivo era atrair a atenção das forças alemãs, desde sua fase de preparo, para tornar mais fácil a execução da Operação Urano. No entanto, David Glantz defende a tese de que a Operação Marte teve o seu objetivo próprio e não constituía apenas uma manobra para confundir os alemães. Travada entre 25 de novembro e 20 de dezembro de 1942, a Operação Marte resultou em enormes baixas soviéticas e falhou no objetivo da captura da saliência de Rzhev, apesar de ter enfraquecido significativamente as forças alemãs na região (GLANTZ, 2001, p. 44-50)


A Operação Urano, realizada entre 12 e 23 de novembro de 1942, visava cercar as forças do Eixo em Stalingrado, através de dois ataques em pinça, um - no sentido norte-sul e outro – no sentido sul-norte. A artilharia, tanques e aviões, que não eram absolutamente indispensáveis em seus respectivos fronts, foram realocados sigilosamente para a Operação Urano. O comando alemão, incapaz de prever um ataque de tal escala no Sul, falhou em tomar as precauções necessárias (BEEVOR, 1999, p. 226-235). Isto é comprovado pelo fato de que imediatamente após o



início da ofensiva soviética no Sul, mirando os flancos dos exércitos do Eixo, o comando alemão na cidade de Stalingrado, não cancelou operações ofensivas contra os soviéticos dentro da cidade, nem realocou os tanques engajados nessas operações para defender os flancos atacados. Apenas 17 horas após o começo da Operação Urano, o comando alemão ordenou o fim das ofensivas dentro da cidade e passou a tratar o ataque soviético com a devida seriedade (Ibid., p. 244-247). A Operação Urano teve êxito em seus objetivos, cercando e imobilizando cerca de 300.000 soldados do Grupo de Exércitos B nas proximidades de Stalingrado e na cidade.

Enquanto isso, no Cáucaso, as forças soviéticas retomaram a iniciativa, após o colapso da ofensiva das forças do Eixo contra Mozdok. Ao longo do mês de novembro recursos destinados aos soldados do Eixo no Cáucaso foram redirecionados para Stalingrado. Após o êxito da Operação Urano, a Alemanha e os aliados consideraram urgente transferir tropas do Cáucaso para Stalingrado, com o fim de utilizá-las na operação “Tempestade de Inverno”, numa tentativa de rompimento do cerco ao Grupo de Exércitos B (FORCZYK, 2015, p. 88) nas redondezas da cidade. Originalmente o alto comando soviético planejava suceder a Operação Urano com a Operação Saturno, cujo objetivo inicial era neutralizar o Grupo de Exércitos Don, recapturar Rostov e cercar e paralisar todas as forças do Eixo no Cáucaso, repetindo em uma escala ainda maior o feito de Stalingrado. No entanto, o alto comando soviético previu como inevitável uma tentativa alemã de retirar as suas tropas do cerco em Stalingrado e, portanto, achou indispensável e prioritário reforçar o cerco ao Grupo de Exércitos B, em vez de deslocar as forças para o Don e o Cáucaso.


No Cáucaso desenrolava-se a Operação Saturno, durante a qual foram ordenados contragolpes soviéticos nas direções de Mozdok e Naltchik. O alto comando soviético desejava de



fato um avanço bem-sucedido contra as tropas do Eixo no Cáucaso. Mas devido à transferência massiva de tropas do Cáucaso para Stalingrado (GRECHKO, 2001, p. 182-184), a Operação teve que encolher, tornando-se a Pequeno Saturno, remoldada para priorizar a defesa de Stalingrado (BEEVOR, 1999, p. 292-293).


A esperada tentativa alemã de liberar do cerco o Grupo de Exércitos B tomou a forma da Operação Tempestade de Inverno, para a qual o alto comando alemão realocou do Cáucaso para o front de Stalingrado a 23ª divisão panzer, a divisão de infantaria motorizada Wiking da SS e o 4o Corpo Aéreo, apesar das tentativas soviéticas de manter as forças do Eixo no Cáucaso lá amarradas (FORCZYK, 2018, p. 6). Como consequência, as forças do Eixo no Cáucaso ficaram fragilizadas. As operações Tempestade de Inverno, pela parte alemã, e Pequeno Saturno, do lado soviético, foram iniciadas simultaneamente, no dia 12 de dezembro de 1942. A investida da Tempestade de Inverno para romper o cerco soviético do Grupo de Exércitos B levou os soviéticos a transferir o 2º Exército da Guarda, uma bem preparada e munida força soviética, da Operação Pequeno Saturno para o Front de Stalingrado a fim de neutralizar a Tempestade de Inverno. (GLANTZ, HOUSER, 1995, p. 139)

Segundo Glantz, o objetivo da Pequeno Saturno então se encolheu, visando o cerco das forças do Eixo nas margens sul dos rios Don e Chir (Ibidem). Enquanto a Tempestade de Inverno foi incapaz de cumprir seus objetivos, os soviéticos viriam a ser bem-sucedidos no envelopamento e na subsequente eliminação e captura de dezenas de milhares de soldados alemães, romenos, italianos e húngaros, estes últimos aliados da Alemanha na Batalha de Stalingrado, impedindo a continuidade da Tempestade de Inverno.




No início do mês de janeiro a transferência de uma parte significativa da Luftwaffe presente no Cáucaso para o front de Stalingrado, junto com o envio de novos aviões para as forças soviéticas no Cáucaso, gerou pela primeira vez um cenário, quando a supremacia aérea alemã não era mais absoluta, apesar de o poder aéreo germânico continuar superior ao russo (GRECHKO 2001, p 199-202). Em 29 de dezembro foi iniciada uma ofensiva soviética, cujo objetivo inicial era envelopar as forças do Eixo em Mozdok, eliminá-las e em seguida avançar na direção de Prokhladny, com o apoio da frota soviética do Mar Negro. Devido à realocação de tropas, a ofensiva se iniciou apenas no dia primeiro de janeiro de 1943 (Ibid., p. 203-204), ao mesmo tempo em que foi ordenado o recuo das forças do Eixo da região.

Com a derrota da Operação Tempestade de Inverno e o avanço das forças soviéticas em Stalingrado, Hitler finalmente concedeu aos apelos de seus generais e ordenou um recuo parcial no Cáucaso, tanto pela indefensibilidade da região ocupada, agora exposta a ataques soviéticos vindos do front de Stalingrado, quanto com o fim de liberar mais tropas para a batalha em Stalingrado. As tropas do Eixo receberam a missão de manter sob seu controle a região costeira do Cáucaso, com o fim de usá-la como cabeça-de-ponte de defesa contra subsequentes ataques à região (FORCZYK 2018, p 6-7). No início do recuo alemão, os soviéticos viram-se em uma situação em que envelopar todo o Grupo de Exércitos A era realmente possível, cumprindo o objetivo geral da operação, antes de sua extensão à Pequeno Saturno. O recuo alemão e o avanço soviético seguiram ágeis, com Mozdok libertada da ocupação alemã em três de janeiro, Nalchik em quatro de janeiro e Prokhladny em seis de janeiro de 1943. Recuando desesperadamente, os alemães desistiram de alcançar o objetivo de se beneficiar do petróleo do Cáucaso, se afastando rapidamente de todos os centros significativos de produção na região (GRECHKO, 2001, p. 204-207)



Em quatro de janeiro de 1943 os alemães começaram a construção de uma linha de fortificações defensivas em Kuban, nomeada “Cabeça de Godo”, que tiveram que largar antes da investida consecutiva das forças soviéticas. Neste ponto da Batalha, as forças alemãs no Cáucaso recebiam apenas uma fração dos recursos necessários para o próprio sustento, os suprimentos por vias terrestres, marítimas e aéreas sendo insuficientes. Mais de 200.000 soldados do Eixo permaneceram imobilizados no Cáucaso, incapazes de atacar e ordenados a manter posições defensivas em condições materiais cada vez mais precárias (FORCZYK 2018, p 23-25). Ao mesmo tempo as forças soviéticas se viram desorganizadas por múltiplos fatores, como a degradação das estradas, causada pela guerra, pelo clima e pela ocupação alemã, falhas organizacionais e falta de suprimentos, o que reduziu o ritmo da marcha ofensiva (GRECHKO 2001, p 206-210). Apesar de cobrir um vasto terreno, o avanço soviético acabou sendo incapaz de envelopar e eliminar grandes quantidades de soldados do Eixo, que conseguiram recuar relativamente preservados e proteger os flancos ao norte, impedindo que o Grupo de Exércitos A terminasse em situação de cerco, semelhante ao do Grupo de Exércitos B em Stalingrado.


Em dois de fevereiro as forças do Eixo em Stalingrado se renderam e a cidade foi libertada pelas forças soviéticas. 90.000 soldados do Eixo foram feitos prisioneiros de guerra, o que resultou no desabamento da moral alemã, assim como na incapacidade posterior do Eixo de iniciar novas grandes ofensivas (WERTH, 2015, posição 73%). No Cáucaso, o avanço soviético não se limitou a perseguir as forças do Eixo em recuo e retomar os territórios ocupados, mas também se estendeu à penetração de uma nova linha alemã defensiva nas margens do rio Kuban. A retomada de Kuban se iniciou com uma ensanguentada operação anfíbia, iniciada em quatro de fevereiro de 1943, pela travessia soviética do rio Kuban. A operação começou com uma ofensiva terrestre contra a cidade de Novorossiisk, o que serviu de distração para um desembarque em Stanichka.



Apesar de altas baixas e erros táticos, os soviéticos conseguiram estabelecer uma cabeça de ponte em Malaya Zemlya (FORCZYK, 2018, p. 27-38), que, a partir daquele momento, vinha sendo mantida a muitos sacrifícios.

Em nove de fevereiro de 1943 as forças soviéticas começaram uma ofensiva com o objetivo de libertar a cidade de Krasnodar. As forças do Eixo contavam com uma posição relativamente fortificada e minada. As forças soviéticas libertaram a cidade em 12 de fevereiro (GRECHKO 2001, p 262-267), assim como ergueram cabeças de ponte na margem sul de Kuban, cruzaram o rio e continuaram o avanço. O Exército Vermelho forçou o recuo das forças do Eixo na região, com o 56o exército soviético, sob o comando de Grechko, engajando-se em uma batalha intensa com o Grupo de exércitos alemão Angelis, forçado a se retirar, e com o 58o exército soviético flanqueando as forças do Eixo, ao passar através de terreno pantanoso. Em 11 de fevereiro, as forças do Eixo abandonaram a cidade de Krasnodar, ao terem explodido a infraestrutura urbana, enquanto perseguidos pelos soviéticos. Mas a maior parte das tropas alemãs em recuo conseguiu permanecer relativamente íntegra.


Em 24 de fevereiro uma vitória tática do Eixo em Troitskaya conseguiu recompor a linha defensiva alemã (Ibid., p. 38-41). Ambas as forças se encontram em uma situação logística precária, com a longa distância e o terreno difícil das áreas do Cáucaso controladas pelos soviéticos agindo como obstáculo para esforços de abastecimento adequados, com uma alta porcentagem das tropas tendo que se engajar diretamente no abastecimento e distribuição de suprimentos (Ibid., p. 261-262). As forças do Eixo no Cáucaso finalmente recebem reforços pesados, em especial com o envio de um grande número de aviões. Foi empreendida uma ofensiva alemã pesada contra a cabeça-de-ponte soviética de Malaya Zemlya, com o fim de reduzir a capacidade



soviética de atacar o lado ocupado do rio Taman. A ofensiva do Eixo falhou, gerando contraofensivas soviéticas malsucedidas entre 22 e 31 de março de 1943, resultando em baixas pesadas. (FORCZYK, 2018, p. 43-45)

O próximo local do Cáucaso onde se seguiram combates pesados foi nas proximidades do povoamento de Krymskaya, que sob a ocupação do Eixo servia como um importante ponto de conexão e logística militar. O povoamento se encontrava em terreno favorável para defesa e havia sido fortemente fortificado pelos invasores, transformado em uma posição defensiva forte, recebendo também especial suporte da Luftwaffe ao longo das vindouras batalhas (GRECHKO, 2001, p. 284-288). Entre os dias quatro e 28 de abril de 1943, ocorreu a primeira batalha de Krymskaya. Sobre comando de Maslennikov, os ataques soviéticos de quatro de abril falharam por terem força insuficiente e se focarem apenas em um ponto das defesas alemãs. Os ataques seguintes em 14 de abril falharam por excesso de dispersão das forças ofensivas. Em 15 de abril o 56o Exército, comandado por Grechko, conseguiu capturar uma posição avançada. Entretanto, as demais forças envolvidas no ataque foram incapazes de realizar avanços semelhantes. Estando isolado, o 56o Exército se tornou alvo de fogo concentrado de todos os lados e foi forçado a recuar em 16 de abril, com sérias perdas.


Zhukov é pessoalmente apontado para brevemente ajudar a reorganizar as forças soviéticas no Cáucaso, que são reforçadas com infantaria, artilharia e suporte aéreo (FORCZYK, 2018, p. 45-49). Em 20 de abril o Eixo realizou uma ofensiva contra a cabeça-de-ponte de Malaia Zemlya que não obteve sucesso (GRECHKO, 2001, p. 290). Na segunda batalha de Krymskaya, duramente travada entre 29 de abril e 5 de maio, a cidade foi libertada pelas forças soviéticas (FORCZYK, 2018, p. 56-61).




Entre 26 de maio e dois de junho foi travada a batalha de Moldavanskoye, no âmbito de uma ofensiva soviética inicialmente sob o comando do general Koslov, resultando em grandes baixas e perdas materiais e falhando também em avançar significativamente. Koslov foi substituído, mas seu substituto também falhou. Perante esta custosa derrota e a inevitabilidade de um ataque alemão contra Kursk, o alto comando soviético passou a considerar o Cáucaso do Norte um campo de batalha de importância secundária, cuja missão principal passou a ser a manutenção de uma guerra de atrito por mais dois meses (Ibid., p. 76-78).

Em 30 de agosto as forças soviéticas no Cáucaso receberam a missão de retomar o porto de Novorossiisk, que conectava as rotas marítimas de suprimentos do Eixo, vindos da Criméia através do Mar Negro. A operação se daria em uma ofensiva a partir do mar, sob o comando da marinha soviética. Ela se iniciou em 10 de setembro, com a cidade sendo libertada em 14 de setembro, após uma batalha pesada, resultando na retirada das forças do Eixo. (GRECHKO, 2001, p. 320-334)

Entretanto, o que não era sabido no início da batalha é que em sete de setembro Adolf Hitler ordenou a retirada de todas as forças alemãs do Cáucaso, que estava para ser efetivada alguns dias depois da data da retomada pelas forças soviéticas da cidade portuária de Novorossiisk. A mudança de postura estratégica de Hitler deu-se devido à vitória soviética na retomada da cidade de Kharkov. Assim que o alto comando soviético percebeu a retirada em massa do Eixo no Cáucaso, foi ordenada por ele uma última tentativa de envelopar as tropas do Eixo. Apesar disto, as forças do Eixo conseguiram se retirar, evitando combates e abandonando grandes quantidades de equipamentos pesados na retirada. Em nove de outubro de 1943 o Cáucaso viu-se livre da presença do Eixo, após um ano e meio de combates (FORCZYK, 2018, p. 79-86). As forças






soviéticas no Cáucaso e os exércitos vencedores na Batalha de Stalingrado viriam a se juntar na retomada da Criméia e dos territórios soviéticos do Sudoeste.

5. Conclusão

Por que a importância da Batalha do Cáucaso e a sua contribuição para a vitória soviética em Stalingrado, que simboliza uma virada não somente na Grande Guerra Patriótica da União Soviética (1941-1945), mas também na Segunda Guerra Mundial? A explicação é que uma eventual derrota soviética no Cáucaso teria colocado Stalingrado e o front sudoeste da União Soviética em uma situação extremamente precária e perigosa, ameaçando e minando a capacidade de resistência do Estado soviético à Alemanha e a seus aliados já no segundo ano da guerra. Em termos estratégico-militares, na hipótese de uma vitória do Eixo no Cáucaso, a União Soviética teria que lidar com a) uma fusão dos Grupos de Exércitos A e B, que ambos seriam direcionados para vencer e ocupar Stalingrado e, conseqüentemente, cortar o transporte fluvial do rio Volga; b) com uma eventual invasão do exército turco de um milhão de efetivos na União Soviética e c) com uma perda de campos produtivos de reservas petrolíferas e de capacidades de suprimento energético da União Soviética pelo Cáucaso. A ocupação alemã do Cáucaso (na Ciscaucásia e na Transcaucásia) possibilitaria aos alemães a redefinir completamente o curso da guerra, conquistando regiões energéticas e agrícolas produtivas e cortando o acesso da União Soviética a elas, assim como continuando a agressão e a guerra de conquista no Oriente Médio e criando uma possibilidade real do encontro e da fusão das forças do Eixo da África, da Europa do Sul e do Cáucaso.


Isto não aconteceu devido aos dois principais fatores. Primeiro, os soviéticos resistiram



heroicamente à ofensiva do Eixo. Eles pararam, cercaram e derrotaram o inimigo em Stalingrado e no Cáucaso do Norte, assim como prepararam e desencadearam contraofensivas em 1942-1943, a principal delas - a Operação Urano e o cerco das forças alemãs em Stalingrado, realizando uma virada definitiva na guerra. Segundo, o alto comando das forças armadas do Eixo e Hitler, pessoalmente, cometeram uma série de erros estratégico-militares, sabiamente aproveitados pelo comando militar e forças armadas soviéticas, que provaram a sua superioridade sobre os agressores não só no sentido das resistências e de combates heroicos contra nazifascistas, mas também do ponto de vista da inteligência e da previsibilidade no planejamento estratégico e na execução das operações militares.

A divisão do Grupo de Exércitos Sul nos Grupos de Exércitos A e B, por ordem de Hitler, foi prejudicial para os alemães, criando dois grupos de exércitos sem capacidades suficientes para cumprir seus objetivos de conquista. A vastidão territorial entre a cidade de Rostov e as encostas do Cáucaso provocou uma superextensão do Grupo de Exércitos A e privou-o de mobilidade necessária. A cadeia de comando foi afetada no caso, por exemplo, pela divisão do 4º Exército Panzer de Hermann Hoth em duas formações, uma com dois terços das tropas, mandada para Stalingrado, outra com o restante terço, permanecendo no Cáucaso (FORCZYK, 2018, p. 6).

Enquanto isto, o Grupo de Exércitos B não conseguia vencer a resistência dos defensores de Stalingrado, onde cada edifício, cada terreno se transformou em um campo de batalhas diurnas e noturnas contra agressores. O duro e sangrento aprendizado que as tropas soviéticas do Cáucaso adquiriram, à custa de inúmeras vidas, em combater o avanço dos tanques e de carros de combate alemães, parou as forças mecanizadas do Grupo de Exércitos A nas tentativas de adentrar as cordilheiras do Cáucaso. Uma grande perda de tanques, dos quais dependia a estratégia do



Wehrmacht, reduziu tanto a mobilidade quanto a capacidade de penetração das forças do Eixo no Cáucaso.

A impossibilidade das forças nazifascistas de penetrar e vencer o Front soviético do Cáucaso e de alcançar a fronteira turca privou o Eixo da chance de obter a Turquia como aliada e de transpor, conseqüentemente, a agressão, a guerra e a ocupação para o Oriente Médio. Ao mesmo tempo a incapacidade de Hitler de aceitar o fracasso de seu plano de dominação levou-o a protelar demais a retirada das tropas do Cáucaso, que se transformou, na fase final, em uma debandada, gerando uma grande perda de armamentos e equipamentos pesados.

O sucesso das tropas dos fronts soviéticos caucasianos em impedir que o Grupo de Exércitos A recuasse livremente e se juntasse ao Grupo de Exércitos B durante a Operação Urano contribuiu diretamente para o triunfo dos exércitos soviéticos em Stalingrado. Entretanto, é necessário notar que se, durante a Operação Pequeno Saturno, os soviéticos tivessem conseguido cumprir o plano de cercar o Grupo A e o colocar na mesma situação que o Grupo de Exércitos B, cercado em Stalingrado, o impacto da vitória na Batalha do Cáucaso teria sido muito mais abrangente.

Conclui-se que a importância da Batalha do Cáucaso para a vitória em Stalingrado se deu em múltiplas esferas, contribuindo econômica e militarmente, de forma direta e indireta. A resistência soviética no Cáucaso foi necessária para que a própria relevância estratégica e a viabilidade da defesa em Stalingrado se mantivessem firmes e a vitória em Stalingrado desse início à libertação dos territórios soviéticos ocupados e conduzisse à vitória definitiva sobre o nazifascismo.

O Grupo de Exércitos A perdeu, entre 25 de julho de 1942 até 30 de janeiro de 1943, nos combates no Cáucaso, mais de 72 000 soldados e oficiais, inclusive 22 000 mortos ou desaparecidos. O 3º exército romeno perdeu 45 000, dentre eles 12 000 mortos ou desaparecidos. As perdas humanas do Exército Vermelho foram bem maiores: 511 000 soldados e oficiais, dentre eles 192 791 mortos, desaparecidos ou prisioneiros. Mas mesmo apesar de a proporção de perdas irre recuperáveis ser de 7 a 1, a favor das forças do Eixo, o Grupo de Exército A não conseguiu ocupar o Cáucaso (GRIF, 1993, p. 179-181). Nos combates de 1942 no Cáucaso foram destruídas ou inutilizadas, da parte das forças soviéticas, 139 200 armas de fogo, 990 tanques e carros blindados, 5049 peças de artilharia e 664 aviões. As perdas do inimigo foram comparáveis com as dos defensores (Ibid., p. 369)

A população civil, constituída por cerca de 300 000 refugiados que estavam escapando da ocupação e que foram evacuadas ou se dirigiram para esta região da União Soviética antes da Batalha do Cáucaso, foi vitimada pelas mortes, doenças e privações da guerra. Muitos civis morreram nos combates de rua nas cidades de Novorossiisk e de Krasnodar.

A catástrofe do Wehrmacht em Stalingrado e no Cáucaso sinalizou o fim do Reich nazista. A derrota do Eixo na guerra ficou selada definitiva e irreversivelmente.

Bibliografia ³

BEEVOR, Antony. Stalingrad: The Fateful Siege: 1942-1943. N.Y.: Penguin Books, 1999

BROCK, Ray. Armenians in Iran Inflamed by Nazis, New York Times, July, 24, 1941. Dispo-

3. Utilizaram-se versões em e-pub dos livros “Stalingrado: 1942 - O início do fim da Alemanha nazista” e “Russia at War 1941-1945. A History” do jornalista e historiador Alexander Werth. Na versão digital de “Stalingrado” a paginação se dá por meio de porcentagem, enquanto na versão digital de “Russia at War” por meio de “posições”, sem correspondência com as páginas da versão impressa.

nível em <https://www.nytimes.com/1941/07/24/archives/armenians-in-iran-inflamed-by-nazis-germans-said-to-be-stirring.html> Acesso em 20 de maio de 2018

BURDS, Jeffrey. The Soviet War against ‘Fifth Columnists’: The Case of Chechnya, 1942–4
Journal of Contemporary History, Vol. 42, No. 2, 2007.

Disponível em:

<https://www.webcitation.org/5jWeINeYx?url=http://www.history.neu.edu/fac/burds/Burds-FifthColumnists.pdf> Acessado em 22 de maio de 2018

CHUIKOV, Vasily Ivanovich. RIABOV, V. S. A Grande Guerra Patriótica da URSS (1941-1945).
Editora Nova Cultura, 2018

FORCZYK, Robert. The Kuban 1943. The Wermarcht’s last stand in Caucasus. Osprey Publishing, 2018

FORCZYK, Robert. THE Caucasus, 1942-1943 Kleist’s race for oil. Osprey Publishing, 2015

GALBRAITH, David R. The Defence and Evacuation of the Kuban Bridgehead, January – October 1943. National University of Ireland, 2014. Disponível em: <http://eprints.maynoothuniversity.ie/5581/1/DGalbraithKubanBridgehead.pdf>

Acesso em 3 de junho de 2018

GLANTZ, David M., HOUSE, Jonathan M. When Titans Clashed: How the Red Army Stopped Hitler (Modern war studies) University Press of Kansas, 1995, Edição Kindle.

GLANTZ, David M. The Soviet-German War 1941-1945: Myths and Realities: A Survey Essay
Clemson University, 2001

GRECHKO, Andrei A. Battle for the Caucasus. University press of Honolulu, Hawaii, 2001.
Reprinted from the 1971 edition.

GRIF secretnosti sniat. Poteri voorujónnykh sil SSSR v voinakh e boevykh deistviakh. Moskva:
Voennoie izdatelstvo, 1993

HARRISON, Mark. The Soviet Economy and Relations with the United States and Britain, 1941-45. University of Warwick, 1993. Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/368361131/HARRISON-1993-The-Soviet-Economy-and-Relations-with-the-United-States-and-Britain-1941-45>

Acesso em 12 de junho de 2018

STRANGES, Anthony N. Germany's Synthetic Fuel Industry 1927-1945 Revista Energeia Vol. 12, N. 5, 2001. University of Kentucky, Center for Applied Energy Research. 2001 Disponível em http://www.caer.uky.edu/energeia/PDF/vol12_5.pdf

Acessado em 28 de junho de 2018

TATAROV, Azamat. Insurmountable Frontier: Mountain Warfare in the North Caucasus in 1942-1943 History Department Yearbook. New Bulgarian University, 2013. Disponível em <http://ebox.nbu.bg/hist16/pdf/+3Az.%20Tatarov.pdf?wmode=transparent>

Acesso em 22 de maio de 2018

WERTH, Alexander. Stalingrado: 1942 - O início do fim da Alemanha nazista. São Paulo: Contexto, 2015. Tradução de Patrícia Reuillard. Edição de Kindle

WERTH, Alexander. Russia at War 1941-1945 A History. Skyward Publishing, 2017. Edição Kindle.